

Duplicado

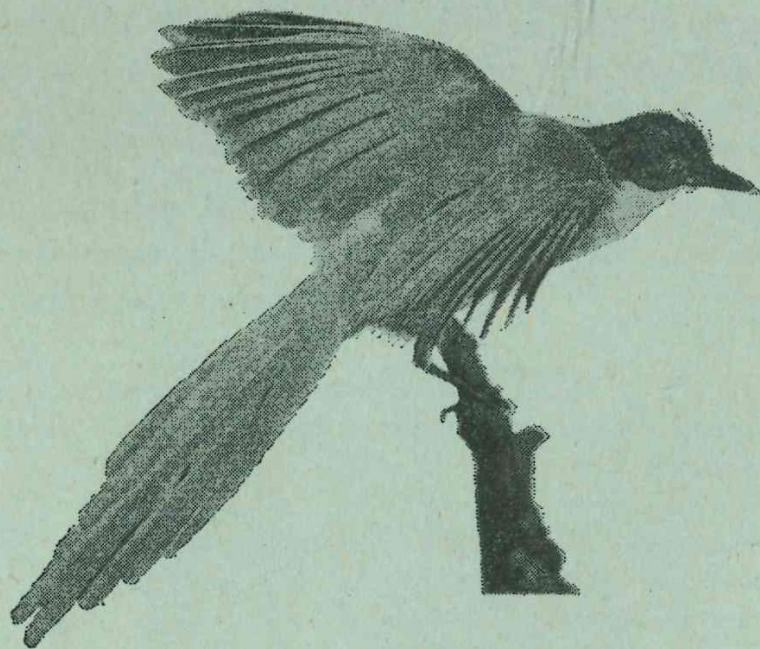
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ORNITOLOGIA
NA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO

O PASSARINHO ANGOLANO
«CANINGUÍRI» EM DOIS
CONTOS INDÍGENAS

por

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

*Prof. Cat. da F. C. da Universidade do Porto
em comissão de serviço na Univ. de Luanda
Presidente da Soc. Port. de Ornitologia*



3)
98.28/29(673)(04)
AN

IMPRESA PORTUGUESA
Rua Formosa, 108-116
PORTO

Extracto do fascículo 3.º do volume I
de

C Y A N O P I C A

Boletim da Sociedade Portuguesa
de Ornitologia

1 9 7 1

O passarinho angolano «caninguíri» em dois contos indígenas

por

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

*Prof. Cat. da F. C. da Universidade do Porto
em comissão de serviço na Univ. de Luanda
Presidente da Soc. Port. de Ornitologia*

O caninguíri é um passarinho que nunca vi, mas que, segundo informam, é muito pequenino. Os pretos de algumas regiões de Angola dizem que é o mais pequenino de todos os pássaros das terras em que vive.

Na região do Mungo ⁽¹⁾, no dialecto indígena local, é conhecido pelo nome de *caninguir* ou *caninguíri* e no dialecto dos baílundos chamam-lhe *caninguíli*.

O Sr. Armando Ribeiro Simões, mestiço que há muitos anos é ajudante do recenseamento na Administração do Mungo, em carta de 7 de Junho de 1971, satisfazendo o pedido que lhe fiz no Mungo, quando ali estive com o meu Assistente Lic. Carlos M. N. Ervedosa a estudar as notáveis pinturas rupestres do Caninguíri ⁽²⁾, forneceu-me dados de várias naturezas respeitantes a esta ave que depois me comunicou por carta.

(1) Mungo, concelho do distrito de Nova Lisboa.

(2) Caninguíri é o nome duma aldeia indígena da área do concelho do Mungo que fica a 42 quilómetros a sudoeste da sede da Administração do concelho.

A poucas centenas de metros daquela aldeia, no alto dum cabeço há um amontoado de penedos, um dos quais em abrigo com pinturas rupestres. Estudámo-las e baptizámo-las com o nome de *pinturas rupestres do Caninguíri*, trabalho feito de colaboração com o meu Assistente Dr. Carlos Ervedosa e em publicação no 2.º fasc. do vol. 1 de «Ciências biológicas», Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda. Aquele abrigo com pinturas é conhecido na região pelo nome de *éuè uá uaiólua*, o que significa pedra com pinturas ou pedra pintada.

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 54891

Barcelos

Entre esses dados ou informações avultam dois contos indígenas, em que, como veremos, esta ave desempenha acção notável.

O *caninguíri* tem a possibilidade de, além do canto, produzir um barulho de tal maneira forte e sibilante que é assustador.

Os animais ao ouvir aquele ruído vibrante assustam-se, ou pelo menos ficam alertados, conseqüentemente atentos ao que se passar à sua volta e prontos a defenderem-se do que der e vier.

Afirma-se que o *caninguíri* auxilia animais que se encontram em perigo ou em situações embaraçosas como é atestado pelo conto *Caninguiri loluhuma* de que adiante nos ocuparemos. Isto é crença geral entre os indígenas, bem atestada pela seguinte passagem da carta, onde se lê: «o *caninguíri* é um pássaro cheio de muita pena dos outros seres vivos». E assim quando uma águia se aproxima da aldeia onde as galinhas andam à solta, ou duma bandada de perdizes, o *caninguíri* canta o seu tié... tié... tié..., de tal modo e com tal intonação que galinhas e perdizes se acoitam, antes de a águia chegar a uma distância tão curta que as aves em mira já não tenham tempo de se defenderem, acoitando-se.

Mais conta o meu informador que, em rapaz, foi um dia à caça com um cãozinho. Foi andando pelo mato até que «chegou perto de uma fonte onde deparou com um *caninguíri*. Este a uns escassos cinco ou seis metros esvoaçava na sua frente soltando o seu característico piar tié... tié... tié... e, ao mesmo tempo, sacudia a cauda dum lado ao outro, em atitude que era, sem dúvida, reflexo de nervosismo aflitivo.

Infelizmente, diz o meu informador, não sabia que aquele piar e atitude aflitiva do passarinho eram sinal de que na minha frente havia uma situação de perigo.

Desconhecedor de tal, continuou a avançar despreocupadamente e desatento aos pios aflitivos do tié... tié... tié... insistentemente emitidos pelo passarinho.

De repente viu o seu cãozinho filado por uma enorme onça ⁽³⁾ que, em quatro saltos, se afastou com a sua presa pendente da boca.

(3) Onça é a designação que, correntemente, em Angola atribuem ao leopardo.

Este nome é o consagrado no Brasil para designar o jaguar.

Aterrado voltou ao *quimbo* ⁽⁴⁾ e contou o que se passara.

Então os homens disseram-lhe que quando visse o *caninguíri* a saltitar entre o capim e a abanar a cauda dum lado para o outro, devia desconfiar de que aquilo era aviso de perigo próximo e iminente.

Como a onça é atrevida, ronda as aldeias e caça, de quando em quando, cabritos, porcos e cães, a gente do *quimbo* resolveu organizar uma caçada para matar a onça.

Conta o meu informador que antes de iniciarem a caçada foram consultar o *caninguíri*. Acrescenta que «este não mostrou nenhum sinal de perigo». Mas, e infelizmente, não diz de que modo o passarinho indicou a ausência de perigo.

O certo é que, em seguida, os homens deram início à caça da onça «pois sabiam que nenhum perigo haveria naquela caçada», dado o bom prognóstico colhido na consulta feita ao *caninguíri*.

Informa ainda que a caça da onça é mais perigosa do que a do leão, pois é bem sabido que em muitas caçadas de onças acontece matarem a onça, é certo, mas ficam mal feridos e até mortos alguns caçadores.

Visto que o aviso do *caninguíri* foi de que não haveria perigo, confiada e afoitamente iniciaram a caçada.

Um grupo de cães em matilha deu com a onça no meio de capim alto. Ao lado dos cães e à berraria dos homens a onça fugiu espavorida e trepou para uma árvore.

Então os homens, confiados no bom prognóstico da consulta feita ao *caninguíri*, foram corajosamente até muito perto da árvore onde a onça se refugiara, e debaixo, bem retesado o arco, dispararam a primeira flecha que logo atingiu a fera em pleno coração. Esta despenhou-se num salto e caiu morta no chão sem ferir nenhum dos caçadores.

*

* * *

Parece no entanto que a atitude proteccionista deste passarinho se exerce especialmente, pelo menos em alguns casos, em

(4) *Quimbo* é o nome com que, na língua local, designam a aldeia indígena.

defesa de outras aves, e, dum modo geral, dos mamíferos não ferozes.

Conta-se que, muitas vezes, quando o *caningúiri* vê um caçador na peugada dum pedaço de caça voa para o alto por cima da cabeça do caçador. Em dada altura o passarinho cai do alto em voo picado, «como se fosse uma bala», produzindo tal ruído e tão sibilante que o caçador fica assustado, e a caça também assustada, ou, melhor, alertada, foge a sete pés.

Informa ainda que às vezes o *caningúiri* faz estes voos picados, só para assustar os homens e acrescenta: «talvez só por brincadeira, especialmente no tempo em que estamos».

Não chego a atingir o porquê da «brincadeira», nem tão-pouco a referência «ao tempo em que estamos». Entendi no entanto que não devia deixar de referir esta passagem da carta do meu prestimoso informador.

Este passarinho, que é acarinhado pelos pretos, desempenha um notável papel na previsão do tempo.

Convencidos do condão e da muito especial virtude que esta ave possui de dar indicação sobre o tempo, os pretos costumam ir ouvi-la cantar manhãzinha cedo, no alvor da madrugada.

Se naquele dia vier chuva o *caningúiri* cantará de certo modo; se for um dia de bom tempo, sem chuva, canta de maneira diferente.

Por isso os pretos ao ouvirem-no cantar ao dealbar do dia ficam a saber, pelo modo como ele canta, se naquele dia virá ou não virá chuva.

É bem possível que o feiticeiro conhecido pelo nome de *manda chuva*, antes de fazer a previsão do tempo vá ouvir o *caningúiri* de madrugada, e sem que ninguém dê conta. Deste modo o passarinho concorre para alicerçar as singulares qualidades de adivinho do feiticeiro finório.

Conta mais o meu informador que este passarinho nunca faz ninho nas árvores mas sim no meio do capim, preso a algumas hastes de caniço; ninho muito bem feito, onde a água da chuva não consegue penetrar e onde choca apenas dois ovos, tem a forma de saco fechado por cima com pequenina abertura lateral e cimeira, em parte protegida por uma pequenina pala.

O comportamento deste pássaro faz com que seja querido dos indígenas. Por isso é por eles protegido. Nenhum preto se atreve a matá-lo, a tirar-lhe os ovos ou a estragar-lhe o ninho.

Acerca dele há vários contos indígenas dos quais o referido Armando Ribeiro Simões, a quem muito gostosamente testemunho o meu agradecimento, me comunicou os dois seguintes.

CANINGUI LI LOLUHUMA
(O caninguíri e o gafanhoto)

Era uma vez um pássaro chamado *cachindjondjo*, pequenino e belamente colorido, que tinha um ninho com filhinhos.

Este lindo pássaro, que se alimenta de sucos das flores, e por isso lhe chamam beija-flor, um belo dia viu o seu ninho pequenino ocupado por um grande gafanhoto, que, na língua dos bailundos, é conhecido pelo nome de *loluhuma*.

O gafanhoto de grandes asas abertas e encarnadas, ocupava todo o ninho. Por isso o *cachindjondjo*, o pequenino beija-flor, não podia dar de comer aos seus filhinhos.

Ao ver o ninho tapado pelas asas do *oluhuma*, o *cachindjondjo* ficou aterrado e começou a cantar tristemente, assim:

Ame cachindjondjo
Nda lila lila,
Nda lila lila...
Vonjo yanguè
Mu iñila címuè.

O que, em tradução livre, segundo o meu informador, será:

Eu cachindjondjo
Chorei, chorei... chorei... chorei, chorei...
Chorei muito,
Porque uma coisa estranha
Entrou na minha casa (ou seja, no meu ninho).

O *caninguíri*, ao ouvir chorar o *cachindjondjo*, foi imediatamente junto dele e disse-lhe: não tenhas medo, não te aflijas, que eu vou fazer sair do teu ninho o estranho que nele se instalou abusivamente.

Dito isto começou a voar para o alto cantando tié... tié... tié... Sempre a voar e a cantar foi até às nuvens. Depois num voo picado, «mais rápido do que o de uma águia quando apanha um pinto», deixou-se cair como uma bala direito ao ninho. Esta queda em voo picado produziu um tal ruído e tão sibilante, que o *loluhuma*, ao ouvi-lo «julgou ser uma coisa perigosíssima que caía do céu, deu um salto e fugiu do ninho».

Então o *cachindjondjo* pôde dar de comer aos seus filhinhos muito queridos.

Esta é pois uma história ou conto em que o *caninguíli* ou *caninguíri* deu provas de altruísmo em prol dum pequenino beija-flor.

O CANINGUÍLI E O CHOCO

Esta outra história é, como vamos ver, um conto indígena no qual o *caninguíli* maneja a estranha e ruidosa qualidade de em voo picado aterrar outra ave não em atitude altruísta mas com finalidade egoísta.

Eis como a história é contada pelos pretos do Bailundo.

Era uma vez um *caninguíli* que viu um outro pássaro grande, «dez vezes maior do que ele», chamado *choco*, tendo no bico um grande bicho acabado de apanhar.

O *caninguíli* cobiçou aquele bicho.

Como o *choco*, pássaro muito maior, tinha mais força, não podia atrever-se a, ostensivamente, ir rapinar-lhe o bicho apetecido.

Mas o que não podia conseguir pela força iria consegui-lo pela astúcia.

Começou a voar para o alto cantando tié... tié... tié...

Sempre a voar a cantar foi até às nuvens.

Depois em descida rápida, em voo picado, como se refere na história anterior, despenhou-se direitinho ao *choco*.

Este ao sentir aquele estranho e aterrador barulho, deixou cair o bicho e voou célere para um sítio bem escondido no meio de capim muito espesso.

Ao voar ia dizendo: «do céu caiu uma coisa terrível que fez tremer a terra».

Então o *caninguíli*, aproveitando a fuga do *choco*, apanhou o bicho e comeu-o.

CONCLUSÕES

O *caninguiri* ou *caninguili* é pois uma ave de pequeno porte com o estranho poder de, em voo picado, ao despenhar-se do alto, produzir um ruído de tal natureza, tão intenso e sibilante, que assusta os animais e o próprio homem.

Aproveita um tal e tão estranho poder ora com finalidade altruísta, como vimos acontecer na história ou conto do *canguili* e o gafanhoto, ora com a finalidade egoísta, como sucede no conto em que cobiçou o bicho apanhado pelo *choco*, ou ainda como simples brincadeira para assustar os homens.

Esta ave, bem querida dos indígenas, com seu piar aflitivo e abanar da cauda, avisa os homens, e também os animais, da proximidade de perigo.

Goza ainda da singular virtude, sem dúvida notável, de, pela diversidade do seu canto, ao dealbar do dia no alvor da madrugada, anunciar se o mesmo será de chuva ou de bom tempo.

No meu regresso a Angola vou tentar capturá-la para a classificar e bem assim procurar conseguir alguns ninhos e ovos.

Se tal conseguir espero disso dar circunstanciada notícia.

RÉSUMÉ

Le petit oiseau «caninguiri» en deux contes indigènes

J'ai étudié avec mon Assistant le Dr. Carlos Ervedosa un abri sous roche avec des peintures rupestres, auprès d'un village de la province portugaise africaine d'Angola. Le village est nommé Caninguiri, appartient au arrondissement du Mungo, district de Nova-Lisboa.

Un travail sur les peintures du Caninguiri est en publication à la revue «Ciências Biológicas» da la Faculté des Sciences de l'Université de Luanda (Angola).

Nous avons appris que le mot caninguiri c'est le nom d'un petit oiseau que les nègres de la région considerent le plus petit de tous les oiseaux de son endroit.

Cet oiseau a la singularité de pouvoir voler à grand hauteur jusqu'aux nuages, comme disent les indigènes, et après se laisser tomber comme une pierre en vol piqué, produisant un bruit si grand et sibilant qui éfraye les animaux et même les hommes.

Cette remarquable qualité peut être mis au service des animaux ou même en profit propre, comme on peut voir en deux contes ou fables indigènes.

Le *caninguíri loluhama*, le conte du *Caninguíri et du loluhama*, qui veut dire le caninguíri et la sauterelle, est une histoire bien simple.

Un petit oiseau, un petit baise fleur nommé *cachindjondjo*, a trouvé son nid avec des petits, couvert par une grosse sauterelle, le loluhama, de grands ailes rouges.

Alors le *cachindjondjo* se mis à chanter cette triste chanson:

*Ame cachindjondjo
Nda lila lila, nda lila lila...
Vonjo yangué mu iñila címuè*

ce qui en traduction libre veut dire

*Moi cachindjondjo
J'ai pleuré j'ai pleuré...
J'ai pleuré trop,
Parce que une chose étrange
A entré dans ma maison.*

Le *caninguíri* en entendant pleurer le *cachindjondjo* et prêtant attention à ce qu'il disait, vola immédiatement pour lui et lui dit: n'a pas du peur, n'a pas du chagrin, je ferais sortir de ton nid l'étranger qu'y sa posé abusivement.

Alors il a volé pour le haut chantant tiè... tiè... tiè...

Toujours volant et chantant il s'en alla jusqu'aux nuages.

Après se laissa tomber comme une pierre en vol piqué, en ligne droite, jusqu'au nid, «plus rapide que l'aigle quand elle attrape un poussin».

Cette volée très rapide a produit un bruit tellement tumultueux et sibilant, que *loluhama* en l'attendant a mis à son esprit que du ciel tombait une chose terrible et trop dangereuse. Alors il a sauté brusquement et laissa le nid à découvert. Donc le *caninguíri* a pu donner de manger aux chéris petits fils.

Celle-ci est une fable où le *caninguíri* a fait preuve d'altruisme en faveur d'un petit baise-fleur.

Le *caninguíri* et le choco est une autre fable qui, comme nous allons voir, le *caninguíri* en profitant sa étrange possibilité de déclancher un bruit tumultueux et sibilant, le fait pas en faveur de quelqu'un mais en propre avantage.

Voilà comme l'histoire est racontée par les indigènes.

C'était une fois un *caninguíri* et un autre oiseau dix fois plus grande que lui, nommé *choco*, tenant au bec un grand insect qu'il venait d'attraper.

Le *caninguíri* a désiré bien manger cet insect là. Mais comme le *choco* était plus grand et plus fort il ne se fia d'ostensiblement aller piller l'insect.

Mais ce qu'il n'a pu faire par la force ou violence il le réussira par ruse. Il commença à voler, chaque fois plus haut, jusqu'aux nuages, toujours chantant tiè... tiè... tiè...

Après s'abattant en vol piqué, comme a été dit dans la fable antérieur, vola tout droit au *choco*.

Ceci attendant le bruit tumultueux et sibilant laissa tomber l'insect, s'enfui se cachant au dedans d'un abrisseau bien épais. À la fuite il disait: «du ciel a tombé une chose épouvantable qu'a fait trembler la terre».

Alors le *caningúri* a ramassé l'insect et l'a mangé.

*
* *
*

Le *caningúri* comme nous avons vu est un oiseau qui volant en haut et se laissant tomber en vol piqué fait un bruit que éffraye les animaux et même les hommes. Mais il a aussi la remarquable possibilité, par la diversité de son chant au blanchir du grand matin, d'annoncer un jour de bon temps plein de soleil, ou un jour pluvieux.

Je n'ai jamais pu voir le *caningúri*. À mon retour en Angola j'essayerais d'obtenir quelques exemplaires de cet oiseau, le classifier, et bien aussi d'obtenir des nids et des oeufs.

Setembro de 1971

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

*Prof. Cat. da Univ. do Porto, em com. de serv.
na Univ. de Luanda*

Presidente da Soc. Portug. de Ornitologia

biblioteca
municipal
barcelos



54891

O passarinho angolano
«caninguir» em dois contos